

Apesar da retórica, alívio para dívida só em 7 anos

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Uma indicação efetiva de que os países mais endividados, como o Brasil, terão uma ajuda real para solucionar seus problemas, ainda não surgiu na Reunião Anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, que reúne as lideranças econômicas de 151 países na capital americana. Em compensação, a retórica tem sido abundante — ainda que, agora, segundo as novas estimativas oficiais, a crise deflagrada em 1982 só possa ter alívio em cinco ou sete anos.

O assunto foi o tema central dos três principais discursos de ontem, na abertura oficial da reunião. O primeiro foi o do Presidente Ronald Reagan, que pediu aos bancos comerciais, e aos organismos financei-

ros multilaterais, um aumento nos empréstimos aos mais necessitados:

— O enorme peso da dívida que o Terceiro Mundo carrega não é um problema só dele: também é nosso. E hoje, permita-nos dizer, vamos resolvê-lo juntos — propôs Reagan.

Segundo ele, os Estados Unidos continuarão a trabalhar com todos aqueles que estão realizando “um esforço honesto para lidar com o dilema da dívida” que, em sua opinião, não tem respostas fáceis ou saídas rápidas.

— Os líderes dos países devedores têm duras decisões a fazer. E nosso slogan deve ser: isso pode ser feito! — disse Reagan, num discurso de 20 minutos.

Michel Camdessus, Diretor Executivo do FMI, e Barber Conable, Presidente do Banco Mundial, fizeram

discursos enormes. Camdessus, que falou durante quase uma hora, lembrou que a expansão econômica do mundo ocidental continua frágil, e que a dívida externa dos países aumentou. Segundo ele, a crise só será resolvida se houver “uma responsabilidade compartilhada, um trabalho em forma de cooperativa” entre todos os envolvidos.

— Um financiamento adicional a esses países é necessário, com urgência. Em que quantidade? Não existe uma fórmula simples: pode ser em proporção ao repagamento da dívida ou ao Produto Interno Bruto — disse Camdessus.

Conable falou pouco mais de uma hora, afirmando que a volta dos países devedores aos mercados internacionais de crédito ainda vai demorar de cinco a sete anos.